

5

2008



António Azenha

PERFORMANCE ARTE

ESPAÇO DE AÇÕES PERFORMATIVAS EM A. AZENHA

I
Ao longo dos últimos anos, tenho empreendido uma abordagem crítica ao trabalho artístico de A. Azenha. A primeira fase da abordagem compõe-se de 4 textos enfoques; redigidos entre 2012 e 2018, sobre a obra plástica de desenho, pintura, escultura e instalação.

A segunda fase, empreendida no texto atual, foca a sua prática performativa.

II
O início da prática performativa de A. Azenha remete para o seu período de formação académica na Escola Superior de Tecnologias Artísticas de Coimbra (1989–93), numa altura em que tal não constituía uma área muito explorada.

A influência inicial proveio de Armando Azevedo, então professor de estética, o qual pontualmente encenava performances aos alunos, o que contaminou A. Azenha enquanto estudante.

Falando de performance, recorde-se que a sua história em Portugal remete para os anos 1960/70, história esta para a qual Armando Azevedo e João Dixo, então também professor da Arca, contribuíram enquanto membros do Grupo Puzzle.

De facto, o referido grupo foi um dos que iniciou a prática no nosso país, enfatizando uma vertente de pintura-performance.

Sendo que, no que concerne a individualidades pioneiras, podem referir-se, entre outros, Manuel Barbosa, Albuquerque Mendes, João Vieira (pai do vocalista do grupo musical Ena Pá 2000), Silvestre Pestana, Gerard Burmester. Ou seja, isto deve-se a um número inferior aos dedos da mão o começo da exploração da performance em Portugal, muitas vezes devido exclusivamente a incentivos dado através do apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

Uma história que só recentemente começou a ser escrita, contendo ainda muitas lacunas históricas, para a qual Coimbra (à margem das escolas de Belas Artes de Lisboa e Porto) não deixou de dar algum contributo. Contributo que inclui a passagem pelo CAPC de elementos do notável grupo americano Fluxus, ou mais tarde, o trabalho de António Olaio (atual diretor do Colégio das Artes) mostrado no Centro George Pompidou, apurando a consolidação da área duas décadas mais tarde. É história que se prolonga até hoje, a um momento presente, onde prolifera, ainda que por vezes de forma confusa, disseminando-se por praticas próximas do teatro ou da dança contemporânea.

As ações de performance de António Azenha são especificamente inseríveis no que se poderia denominar por performance arte, pautando-se pela utilização de meios de expressão daí provenientes.

As suas influências, para além das provenientes do contexto nacional (já referido), provêm de países europeus, africanos e sul-americanos. Espanha é exemplificativa pelo seu enorme desenvolvimento e a Alemanha através do grupo vienense de Gunter Grass, atendendo a que se enfatiza o prodígio da ação, ainda que sem a violência daquele. Mas também a denominada linha americana o influenciou.

O início da exploração performática de António Azenha remete para experiências autodidatas.

Ao longo de três décadas, desenvolveu aproximadamente uma centena de performances, ininterruptamente e com raro paralelo no contexto nacional.

Normalmente, tais performances constituem-se como narrativas, nas quais se vão contando histórias (por vezes recorrendo a mitologias ou alusões ritualistas), espaço embora pontualmente as performances também possam surgir como ações mais simples e concretas.

No que se refere ao processo, recorre-se, na maioria das vezes às artes plásticas, podendo equiparar-se à arte de pintar, havendo inclusive, quase sempre, um recurso a esboços ou projetos vídeo.

III

O espaço de ações de António Azenha pode ser organizado mediante uma categorização segundo "linhas exploratórias" onde se inserem várias vertentes (social, tecnológica, ritual e mitológica).

Em 2012, realizou a performance intitulada de "MR. Bug", na Casa das Artes Bissaya Barreto, no âmbito de uma extensão da 2.ª edição do Line Up Action — Festival Internacional da Performance Arte, o qual teve extensões em Montemor-o-velho, Lisboa, Coimbra, Serpa e Guimarães. A performance insere-se numa 1.ª linha exploratória — dos Bugs — que assenta na utilização da mecatrónica.

O ciclo dos "bugs" incluiu várias experiências performativas, com o nascimento de "bugs" em ovos, até ao funeral de "bugs" em Serpa. Em Coimbra, os "bugs" foram utilizados como pintores, no contexto de uma transposição de um pintor primevo para os dias de hoje.

Em 2013, realiza-se a performance intitulada "X-Key", na Alliance Française de Coimbra. A performance insere-se na linha exploratória tecnológica, assente na utilização da Internet. Neste caso, houve uma colaboração com a italiana Francesca Fini, assente na pintura simultânea de formas primárias (quadrado, círculo e triângulo) numa tela branca, em Coimbra, e numa tela negra, em Roma.

Em 2014, realiza-se a performance "For Johnny II", no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, no âmbito da exposição plástica "Our Backyard", comissariada por Carlos Antunes. A performance insere-se numa linha exploratória mitológica, resultando numa Videoperformance.

Em 2016, realiza-se a performance intitulada "History head 360", na Casa da Cultura de Coimbra, no âmbito da exposição plástica "Yellow Bricks". A performance insere-se numa linha exploratória de *happenings*, assente na utilização de murais de desenho para serem pintados por crianças.

O ciclo exploratório de *happenings* compreendeu inicialmente a exposição do painel como instalação mural no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, sua reinstalação na Casa da Cultura de Coimbra, onde foi pintado, e sua compilação em "Livro de Artista", exposto na exposição "Book-Hop", na Casa Garden em Macau em 2019, comissariada por Jorge Simões.

Em 2016, realiza-se a performance intitulada "livro objeto-poema I", no auditório da Casa da Cultura de Coimbra, no âmbito do lançamento do livro de poesia "Fio da navalha" de Conceição Rocha.

A performance insere-se na linha exploratória do "livro performance", ciclo que inclui ainda outra intitulada "projeto Dbaloíço", no Museu Nacional Machado de Castro assente no livro "Allure" da escritora Sofia Nobre.

Em 2016, realiza-se a performance intitulada "Ciborg oculto", no edifício do antigo Governo Civil de Coimbra, no âmbito da exposição coletiva "Teatro Anatómico", da Associação Cultural Itinerários Contemporâneos

Zero-ICZero, comissariada por Carla Gonçalves. A performance insere-se numa linha exploratória de pintura-performance. Numa sala, os pés de uma ciborgue surgem no contexto de uma transposição para um ambiente futuro e de reciclagem.

Em 2017, realiza-se a performance intitulada "Osogutsu", na Casa da Cultura de Coimbra.

Tal, no âmbito da exposição plástica "Budda Party", composta por escultura asiáticas. Neste caso, com o seu filho Afonso e o músico de rock Jorge Loureiro, no contexto de uma transposição para o ambiente de festa de ateliê.

Em 2018, realiza-se a performance intitulada "Natura Viva", na casa da Cultura de Sever do Vouga, no âmbito do evento "Desenvolvimento local", comissariada pelo Doutor António Oliveira. Neste caso, colabora com a dançarina Mariseel Marques, transpondo-nos para o ambiente de uma sala de desenho de nu clássico, surgindo pela última vez os seus bugs-pintores sobre um mapa da bacia do rio Vouga.

As performances atrás mencionadas, entre outras, constituem o espaço das ações performáticas de A. Azenha. Ações narrativas ou pontuais deambulando temporalmente entre passado e futuro, e recentemente para o imaginário do artista. Imaginário criado a partir da sua prática plástica e do ambiente espacial de criação que emana do seu ateliê.

Ao longo de quase três décadas, A. Azenha construiu um espaço belo na historicidade da arte de Coimbra.

Em 2016, participou no RIAP — Rencontre internationale d'art performance —, realizado no Canadá, nas cidades do Quebec e de Montreal, um dos festivais mais reconhecidos e antigos do mundo.

Desde o ano passado, A. Azenha vem explorando colaborações com outros artistas e culturas; procurando expandir um espaço imaginário já por si amplo.

A seu ver, a performance contribui para o desenvolvimento da arte futura. Arte que atende à reivindicação crítica do aqui e agora, desejada por uma sociedade do momento, de eventos únicos, irrepetíveis, no tempo e no espaço.

TEXTO

Gonçalo Furtado

— Coimbra